

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO**

**Lucas Renato Torres Reyes**

**O homem hedonista a partir de uma perspectiva aristotélica**

Lorena

2016

## O homem hedonista a partir de uma perspectiva aristotélica

Lucas Renato Torres Reyes\*  
E-mail: lucasrtorresreyes@gmail.com

### Resumo

Ao apresentar a temática sobre a moral presente na obra *Ética a Nicômaco*, pretendemos abordar o atuar humano frente ao prazer. Como ponto de partida, analisa-se o conceito de “homem” em Aristóteles, enfatizando as disposições morais tanto em seus aspectos virtuosos quanto em sua disposição para o vício. Neste contexto, é possível constatar que o uso do instinto em detrimento da razão leva à condição primitiva do animal e, portanto, incompatível à ação humana. Tenciona-se, neste artigo, buscar o equilíbrio como fonte da virtude em busca da verdadeira felicidade do homem quando este for capaz de se desprender do excesso do prazer, como fuga do vício próprio do instinto animal desprovido da razão.

**Palavras chaves:** Homem – Disposições morais – Homem e Bestialidade – Equilíbrio – Felicidade

### Introdução

Aristóteles nasceu em Estagira, fronteira entre a cidade da Macedônia com a Grécia, aproximadamente, entre os anos 384 e 383 a. C. Seu pai, Nicômaco, foi médico de Felipe, rei de Macedônia pai do futuro Alexandre Magno, o que se conclui a estreita relação de amizade com a coroa real.

Ao completar 18 anos de idade, Aristóteles viaja a Atenas e ingressa na escola platônica onde fica por 20 anos, sendo considerado o melhor dos estudantes. Após a morte de Platão, viaja à Ásia menor e logo aceita o convite do rei Felipe II de Macedônia para que ocupe o cargo de educador de seu filho Alexandre Magno. Finalmente, em 335/334 Aristóteles volta a Atenas e funda o “Liceu”, nome dado porque o prédio estava nos pátios dedicados ao deus Apolo Lício. Este foi considerado o período áureo de sua filosofia. Aristóteles, após alguns meses de exílio, morre em 322 a.C.

Após esta breve apresentação da vida de Aristóteles, podemos pensar na sua contribuição para este mundo contemporâneo marcado pelo excessivo consumo e desejo de satisfação dos prazeres e apetites que, na maioria das vezes, é olhada como uma

maneira de alcançar a felicidade e total realização do homem. O objetivo deste artigo é analisar o atuar humano frente ao prazer com base na perspectiva aristotélica.

O caminho de estudo que seguimos é meramente bibliográfico, partindo, principalmente, do livro de Aristóteles *Ética a Nicômaco* e sustentado por outras fontes. Partimos da definição aristotélica do “homem”, passando pelas disposições morais; acentuamos que o atuar humano deve ser contrária à bestialidade, exortemos um equilíbrio nas disposições morais e aclaramos o sentido verdadeiro da felicidade, todo isto sob à luz do pensamento aristotélico.

## 1. O homem

Iniciamos esta pesquisa partindo do conceito de “homem” atribuído pela tradição filosófica. A primeira preocupação da filosofia antiga, iniciada pelos chamados “pré-socráticos” foi se ater a questão da *physis*, por isso mesmo foram conhecidos por “filósofos da natureza”. O homem surge, neste processo de busca de sentido da natureza, como o protagonista do cosmos e, por isso mesmo, um ser de natureza complexa que precisa ser melhor compreendido.

O homem não é o único ser vivo no mundo, já que também existe vida no mundo animal, vegetal e microscópico. Diante disto, surge uma questão; qual é a diferença existente entre o homem e os seres vivos do reino animal, vegetal e microscópico? Para Aristóteles o homem pertence ao reino animal, mas tem uma capacidade que o diferencia dos outros: sua natureza racional. Essa capacidade, segundo Aristóteles, pertence a faculdade da alma.

Podemos dizer que a alma é a origem e o princípio das funções vitais.<sup>1</sup> Mas também, temos que considerar, partindo da última afirmação, que os animais possuem uma espécie de alma, pois, ao considerar que a alma é motor dos seres vivos, podemos deduzir que há neles a existência de uma alma. Volta-se, novamente, a questão: há diferença entre o homem e os animais?

Para responder a esta pergunta, é preciso dizer que a alma em si é um conceito muito difícil de se definir, dada sua complexidade, conhecê-la é um desafio

---

<sup>1</sup> Cf. AMERIO, Franco. História da Filosofia, I antiga e medieval. Tradução M. D'almeida Trindade. 2. Ed. Coimbra: Casa do Castelo Ed., 1960. p. 80

grande seja pela sua natureza, seja pela sua substância. Contudo, a alma possui características acidentais como algumas afecções e outras que parecem corresponder também ao animal.<sup>2</sup>

Podemos, a partir deste dado, responder que os animais, apesar de ter certas similitudes com a alma humana (embora sejam similitudes vagas), carecem da faculdade racional que no fim das contas, possibilita ao homem ter consciência de existir. Neste sentido vale a já conhecida condição cartesiana de que a existência é fruto da racionalidade humana.

Até agora, temos conseguido ver o homem como um ser dotado de racionalidade, mas como os outros animais, experimenta sensações e apetites, próprios do instinto de natureza. Aristóteles, assim como seu mestre Platão, embora em perspectivas diferentes, afirmavam um dualismo, ou seja, que tanto o corpo e a alma são princípios deferentes e independentes, mas unidas entre se. O corpo é a parte do instinto de natureza, fonte dos apetites enquanto que a alma é a parte racional, cognoscitiva que deve imperar sobre a primeira.

Aristóteles concebe ao homem como um ser social, capaz de relacionar-se, mas não só como uma opção sua, senão como uma necessidade para sua sobrevivência; o homem se realiza em sociedade. Podemos concluir que o homem como único animal racional é dotado de *linguagem*, na qual é possível se comunicar com os outros, desta forma é capaz de distinguir o que é bom e o que é ruim, o que é justo e o injusto. Por conseguinte, pode estabelecer uma família e um estado<sup>3</sup>; o que para Aristóteles pode o homem se definir igualmente como um animal político (*zoon politikón / ζῷον πολιτικόν*) e, já que nossa intenção é analisar ao homem hedonista desde a perspectiva aristotélica, também faremos nossa esta definição.

## **2. As disposições morais**

Como já temos conseguido ver o conceito homem para Aristóteles, é momento de avançar mais com nossa investigação. Para chegar mais perto ao problema

---

<sup>2</sup> Cf. MARCONDES, Danilo. Textos básicos de filosofia, dos pré-socráticos a Wittgenstein. 3. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p. 53

<sup>3</sup> Cf. MARCONDES, Danilo. Textos básicos de filosofia, dos pré-socráticos a Wittgenstein. 3. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p. 56

que temos decidido resolver, a do homem hedonista, é preciso aclarar as disposições morais que existem no atuar humano. Partiremos do seguinte postulado:

Há três espécies de disposições morais a ser evitadas: o vício, a incontinência e a bestialidade. As disposições contrárias a duas delas são evidentes: uma chamamos virtude e outra, continência. À bestialidade, o mais adequado seria opor uma virtude sobre-humana, a espécie heroica e divina de virtude que escreve Homero quando faz Príamo dizer que Heitor era excepcionalmente bom... (ARISTÓTELES, 2009. p. 145).

## **O vício e a virtude**

Aristóteles, em sua obra *Ética a Nicômaco*, aprofunda a questão das disposições morais, inclusive distinguindo o que é virtude e vício. Para ele, a virtude é um justo médio entre dois extremos que constituem os vícios<sup>4</sup>, em outras palavras, ser virtuoso é encontrar o centro perfeito entre nossos apetites e desejos. Então, a humildade seria o a justa medida entre a modéstia e a soberba; a sinceridade, por sua vez, a justa medida entre a ousadia e a hipocrisia e assim em todas as virtudes.

A palavra “vício” provém do vocábulo latino “vitium” que significa defeito físico ou defeito em geral que dá a entender como que o vício é um agir fora dos parâmetros normais.<sup>5</sup> Aristóteles entende o vício como contrária à virtude, quer dizer, o vício é um mal hábito que atua sem nenhuma intervenção da razão originando no homem uma desarmonia nas suas ações morais.<sup>6</sup>

## **O uso da razão e dos instintos**

Se para Aristóteles o homem virtuoso é aquele que é capaz de conciliar justa medida dos seus apetites, significa que o ser humano deve ser capaz de se esforçar por evitar seus impulsos sensitivos que lhe são naturais por ser animal, e, já que é diferente por ser racional, alcança o controle sobre si mesmo, disposição fundamental que deve ter o homem, graças a sua racionalidade.

---

<sup>4</sup> Cf. RUSSELL, Bertrand. Obras filosóficas. Tradução de Silveira, Breno. 3. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional Ed., 1969. p. 201

<sup>5</sup>Cf. DECHILE.NET. **Significado etimológico de vicio.** Disponível em: <http://etimologias.dechile.net/?vicio>. Acesso em: 18/05/2016

<sup>6</sup> Cf. AMERIO, FRANCO. História da Filosofia I: Antiga e Medieval. Tradução D´ALMEIDA TRINIDADE, M. 3 ed. Casa do Castelo editora: Coimbra 1960. p. 88

Para Aristóteles, só é possível ter tal controle se o homem se dispuser a colocar a razão acima dos instintos, ou seja, se guiar pelo que é certo e justo.<sup>7</sup> Por outro lado, quando se deixa guiar puramente pelos instintos, age contrariando a razão. Os instintos são governados por seus apetites o que o leva a agir pelos impulsos, sabendo que sua ação não é correta, uma vez que cede lugar à embriaguez de seus desejos.<sup>8</sup>

### **A bestialidade e a virtude heroica**

A bestialidade é uma disposição moral que desfigura totalmente a natureza humana. Esta é a pior de todas, pois, é o agir próprio dos animais irracionais. Consiste em se deixar controlar por suas paixões desordenadas até o ponto de só viver de essas sensações. Para combater esta disposição, Aristóteles acredita que é preciso uma virtude extraordinária, até mesmo a divina (não no modo religioso) “à bestialidade, o mais adequado seria opor uma virtude sobre-humana, a espécie heroica e divina de virtude que escreve Homero quando faz Príamo dizer que Heitor era excepcionalmente bom...” (ARISTÓTELES, 2009, p. 145).

Para entender melhor em que consiste tal virtude heroica, devemos nos ater a concepção de alma, para Aristóteles, quer seja o moderador dos apetites, pois, é sede da racionalidade.

A alma em Aristóteles tem três faculdades: vegetativa, sensitiva e intelectual.

- Vegetativa: rege a reprodução e o crescimento corporal;
- Sensitiva: é sede das sensações;
- Intelectiva: divide-se em intelecto passivo e intelecto ativo. O passivo é o intelecto do homem que tem a capacidade de conhecer os seres; o ativo, é quem é capaz de dar compreensão aos ditos seres.<sup>9</sup>

A intelectiva, no que respeita à ética, é sede das virtudes dianética que por sua vez se subdividem em: sabedoria e sapiência. É a suma destes fatores que produz no

---

<sup>7</sup> Cf. GARCÉS GIRALDO, LUÍS FERNANDO. **La continencia aristotélica: encauzamiento de las acciones rectas en el científico que experimenta con animales.** Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1657-89532014000100013](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-89532014000100013). Acesso em: 18/05/2016

<sup>8</sup> Ibidem

<sup>9</sup> Cf. REALE, GIOVANNI; ANTISERI, DARIO. História da Filosofia: filosofia pagã antiga v. 1. Tradução Stornolo, Ivo. 1 Ed. São Paulo: Paulus 2003. Pág. 216

homem aquela virtude heroica capaz de vencer a bestialidade, já que ela, por meio do conhecimento do sumo bem que está acima dos apetites corporais.

### **3. O homem e a bestialidade**

O homem é um ser que vive com duas realidades: seu ser animal e sua racionalidade. A bestialidade, como já foi abordada, é um comportamento detestável e inaceitável no ser humano e por isso é preciso desenvolver um pouco mais a bestialidade no comportamento humano. Partimos desta afirmação: “... seria estranho, como pensava Sócrates, que sendo um homem dotado de conhecimento, alguma coisa pudesse sobrepor-se a esse conhecimento e arrastá-lo como a um escravo...” (ARISTÓTELES, 2009, p.146).

Aristóteles menciona na sua obra “Ética a Nicômaco” o pensamento de Sócrates para manifestar como é inaceitável um comportamento que ignora a capacidade de raciocínio. O ponto é que o homem é um ser distinto e elevado pela sua capacidade racional e, é inaudito, e totalmente inconcebível, possuir bestialidade nas suas ações deixando de lado tão grande dom para someter-se a um grau inferior de ser.

O homem não é sábio só por ter uma capacidade racional senão que deve buscar a sabedoria por meio de este seu instrumento. O homem deve conhecer a verdade e o que é o bem em si. Esta verdade o levará a contemplar uma transcendência tão grande que já não poderia querer outras coisas secundárias do mundo e, portanto, não se deixaria levar pela bestialidade.

Em conclusão, a bestialidade não forma parte do ser humano senão o contrário; a bestialidade diminui ao homem fazendo-o escravo das suas paixões e apetites.

### **4. Equilíbrio**

Não todo prazer é mal, de fato, o prazer em si não é mal, é um bem em certo ponto. As pessoas que não lograram a continência não devem privar-se totalmente dos apetites, pois, se os prazeres são um bem até certo ponto, privar-se deles não é ilícito.<sup>10</sup>

A qualidade do virtuoso, como mencionado, está no justo médio. Todo o saber grego se resume na aquela frase que, longe de procurar a mediocridade, quer indicar que a razão deve imperar sobre os apetites e desejos naturais<sup>11</sup> do homem para que este não se deixe seduzir pelo impulso natural à bestialidade tampouco a despreziciar o que é inerente a ele.

Por exemplo, o prazer de comer é preciso para o homem e seria injusto privar-se disto, como também o prazer do sono e outros desses ditos prazeres que Aristóteles pertence ao corpo. Aristóteles menciona também outros tipos de prazeres que não são necessários, mas são dignas de ser encolhidas como a vitória, a honra e a riqueza.<sup>12</sup>

Em resumo, os prazeres corporais que são necessários ou prazeres que são dignas de serem escolhidas, devem estar dentro dos limites da justa medida, ou seja, num equilíbrio que se torna virtude.

## 5. A felicidade e o prazer

Com frequência, a maioria das pessoas acredita que a felicidade está ligada ao prazer<sup>13</sup>, ou seja, que o prazer é fundamento da felicidade e que essa felicidade é a ausência de sofrimentos.

Em Aristóteles, a felicidade consiste na plena realização do que é próprio do homem, isto é, as atividades concernentes à alma e, conjuntamente, o próprio da alma é a atividade racional ou intelectual. Nessa faculdade intelectual do homem, estão a inteligência e a vontade e, portanto, a felicidade se encontra, para Aristóteles, no conhecimento, ou seja, em conhecer, e esse estado faz com que a vida seja transformada

---

<sup>10</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Tottieri Guimarães. São Paulo: Martin Claret Ltda., 2001. Pág. 147

<sup>11</sup> REALE, GIOVANNI; ANTISERI, DARIO. *História da Filosofia: filosofia pagã antiga v. 1*. Tradução Stornolo, Ivo. 1 Ed. São Paulo: Paulus 2003. Pág. 220

<sup>12</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Tottieri Guimarães. São Paulo: Martin Claret Ltda., 2001. Pág. 152

<sup>13</sup> *Ibidem*



numa vida virtuosa<sup>14</sup>. Aristóteles também afirma que para a felicidade se deve considerar as demais faculdades que são físicas e sensitivas.

Finalmente, a felicidade para Aristóteles é a plena realização da prática da virtude e das faculdades intelectuais que, apesar dos obstáculos na vida, logra uma serenidade imensurável, ou seja, felicidade. O filósofo é o homem que goza dessa felicidade.

## Conclusão

O homem é um ser diferente dentro do mundo dotado de racionalidade, mas com uma corporeidade que tende ao prazer. O que nos propusemos analisar neste trabalho é chegar a compreender que o homem é o único ser que possui linguagem que o permite viver em sociedade, capaz de formar uma família, estado e civilizações tornando-se, desta forma, um animal político.

Este homem, para Aristóteles, possui disposições morais que devem estar bem direcionadas, ou seja, regidos pela racionalidade. Chegar a ser virtuoso é só possível para Aristóteles quando se encontra a justa medida entre os vícios e a virtude.

Outro ponto que estudamos foi que o homem não pode atuar com bestialidade, pois, seria esta conduta totalmente incoerente com sua capacidade de racoar, em outras palavras, não pode comportar-se como um animal sem racionalidade. Tampouco lhe é lícito privar-se em demasia até anular aqueles prazeres que também lhe são naturais e a os que deve acudir para sua sobrevivência (comer, dormir, etc.)

Toda a ética aristotélica pode se resumir na seguinte afirmação: nos extremos estão os vícios e no médio de estes está a virtude. Eis aqui o segredo da felicidade para Aristóteles; encontrar a plena realização em a prática da virtude alcançada pela faculdade intelectual humana.

Finalmente, podemos dizer, a luz do pensamento aristotélico, que o comportamento atual hedonista do homem (entende-se num plano geral do prazer) tem

---

<sup>14</sup> Cf. Portal de filosofía, psicología y humanidades. **Felicidad**. Disponível em: <http://www.e-torredebabel.com/Historia-de-la-filosofia/Filosofia-griega/Aristoteles/Felicidad.htm> Acesso em: 25/04/2016

sua solução em reconhecer em nossa capacidade cognoscitiva e intelectual um moderador de nossos desejos e apetites que, na maioria das vezes, não são necessários e até favoráveis para nosso bem e que tampouco suma para alcançar nossa realização, o seja, nossa felicidade.

## Referências

AMERIO, Franco. **História da Filosofia, I antiga e medieval**. Tradução M. D'almeida Trindade. 2. Ed. Coimbra: Casa do Castelo Ed., 1960. p. 80

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Tottieri Guimarães. São Paulo: Martin Claret Ltda., 2001. Pág. 147

DECHILE.NET. **Significado etimológico de vicio**. Disponível em: <http://etimologias.dechile.net/?vicio>. Acesso em: 18/05/2016

E-TORREDEBABEL. Portal de filosofía, psicología y humanidades. **Felicidad**. Disponível em: <http://www.e-torredbabel.com/Historia-de-la-filosofia/Filosofiagriega/Aristoteles/Felicidad.htm> Acesso em: 25/04/2016

GARCÉS GIRALDO, LUÍS FERNANDO. **La continencia aristotélica: encauzamiento de las acciones rectas en el científico que experimenta con animales**. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1657-89532014000100013](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-89532014000100013). Acesso em: 18/05/2016

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de filosofia, dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p. 53

REALE, GIOVANNI; ANTISERI, DARIO. **História da Filosofia: filosofia pagã antiga** v. 1. Tradução Stornolo, Ivo. 1 Ed. São Paulo: Paulus 2003. Pág. 216

RUSSELL, Bertrand. **Obras filosóficas**. Tradução de Silveira, Breno. 3. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional Ed., 1969. P. 201